

O desempenho da indústria no primeiro quadrimestre de 1999

*Maria Cristina Passos**
*Rubens Soares de Lima***

Ao longo do primeiro quadrimestre de 1999, os indicadores mensais des-sazonalizados da atividade fabril brasileira, quando confrontados com os do mês imediatamente anterior, sinalizam uma interrupção da queda na produção verificada no segundo semestre de 1998. Conforme o IBGE, os índices de média móvel trimestral apontam uma discreta reação no nível de atividade, no período em questão.

Essa tendência moderada à recuperação da produção industrial evidencia que algumas peculiaridades da economia brasileira, e em particular da indústria do País, permitiram que a maioria dos agentes econômicos se protegessem antecipadamente contra os riscos de uma desvalorização, minimizando os efeitos da mudança do regime cambial ocorrida em janeiro. Assim, a repercussão da instabilidade decorrente da crise nos mercados financeiros internacionais teve uma magnitude menor no Brasil do que em outros países que também reagiram mediante a desvalorização de suas moedas.

Em 13 de janeiro do corrente ano, o Banco Central extinguiu a minibanda, passando a adotar somente os limites da banda larga para definir a cotação do dólar, e, dois dias depois, retirou-se do mercado, deixando o câmbio flutuar livremente. Concomitantemente, o Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central elevou o teto das taxas primárias de juros de 36% para 41%.¹ As

* Economista, Técnica da FEE e Professora da Unisinos

** Economista, Técnico da FEE e Professor da Unisinos

Os autores agradecem às colegas Maria Lucrécia Calandro e Sílvia Horst Campos pelos comentários e sugestões à versão preliminar do texto, bem como ao estagiário André Grudzinski pela elaboração das tabelas e do gráfico

¹ Em março de 1999, o Comitê de Política Monetária do Banco Central substituiu a Taxa Básica do Banco Central (TBC) pela Taxa Selic como a taxa primária de referência na execução da política monetária, com o objetivo de dar maior flexibilidade ao Banco Central na administração dessa política.

medidas de política econômica adotadas resultaram em um ambiente menos instável do que o previsto. Para tanto, o empréstimo do FMI teve um papel bastante importante, na medida em que contribuiu para a recuperação da confiança do mercado financeiro e possibilitou um maior controle do processo de desvalorização e uma relativa queda na taxa de juros. Já em meados do mês de março, a atuação do Banco Central começou a restringir a desvalorização do real e, em abril, iniciou uma trajetória efetiva de diminuição nas taxas de juros.

Cabe notar que as previsões referentes ao desempenho da economia brasileira, divulgadas logo após a instabilidade nos mercados financeiros internacionais, começaram a ser revisadas a partir de março, quando tanto as autoridades governamentais como os representantes de bancos e de empresas passaram a divulgar previsões menos pessimistas.

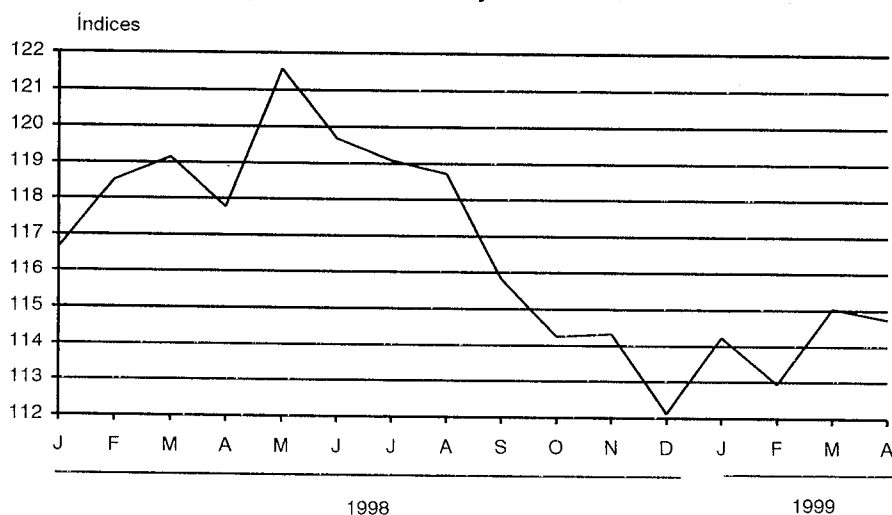
Atividade industrial brasileira: moderada recuperação

No primeiro quadrimestre do ano, a indústria brasileira (transformação e extrativa mineral) apresentou uma estabilidade no ritmo de atividade em relação aos quatro últimos meses de 1998, na série livre de influências sazonais, com uma taxa de crescimento de 0,1%. Esse resultado interrompeu a trajetória de queda na produção industrial observada no último quadrimestre de 1998, quando a indústria geral registrou perda de -4,7% em relação ao anterior. Cabe notar que, já no período jan.-mar./99, os índices mostraram uma estabilidade no crescimento da produção industrial em relação aos últimos três meses do ano anterior, com uma taxa de 0,3%, enquanto nos dois últimos trimestres de 1998, em relação aos imediatamente anteriores, foi registrado um recuo maior na produção (-1,5% e -3,7% respectivamente).

Constata-se, assim, que o desempenho da indústria brasileira nos primeiros meses do ano, embora insuficiente para recuperar os sucessivos resultados negativos obtidos em 1998, apresentou sinais de recuperação na atividade industrial. Os resultados mensais ratificam essa constatação, uma vez que, nos meses de janeiro e março, foram registradas taxas positivas de crescimento em relação ao mês imediatamente anterior, e, em fevereiro e abril, o recuo na produção foi menor do que o verificado no último quadrimestre de 1998, como mostra o Gráfico 1.

Gráfico 1

Evolução mensal do índice da produção física da indústria geral brasileira — jan./98-abr./99



FONTE: PRODUÇÃO física industrial; número índice (1999). [on line]. Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.sidra.ibge.gov.br/>. Arquivo capturado em 24 de jun.

NOTA: Os índices têm como base a média de 1991 = 100, ponderação pelo **Censo Industrial de 1985** e ajustamento sazonal.

Analisando-se por categorias de uso, nota-se que, no mês de janeiro, os bens de capital foram aqueles que apresentaram o maior crescimento nessa base de comparação (12,4%), sendo mecânica o principal gênero industrial responsável por essa elevação (9%). Nesse mês, o crescimento industrial foi impulsionado também pelo desempenho da categoria de bens de consumo duráveis, que teve um incremento de 2,0% na comparação com o mês anterior. Esse resultado pode ser creditado ao excelente desempenho de material de transporte (31,8%).

Como mostra a Tabela 1, em março, a recuperação no ritmo de atividade foi generalizada em todas as categorias de indústrias, destacando-se a produção de bens duráveis de consumo, que alcançou o melhor resultado em relação a fevereiro (4,3%). Esse resultado foi bastante influenciado pela performance de

material de transporte e, em especial, da indústria automobilística. A Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea) registrou um aumento de cerca de 43% nas unidades produzidas de automóveis e de comerciais leves entre fevereiro e março. A principal influência nesse resultado veio do Acordo Emergencial do Setor Automotivo, firmado por Governo, indústria, distribuidores e trabalhadores no início do mês de março. Entre os aspectos acordados, a redução de alíquotas do IPI teve um impacto imediato sobre a comercialização desses veículos para o mercado interno, que aumentou cerca de 257% no mês de março em relação ao mês anterior. Conforme os dados publicados pela Anfavea, em março foram vendidas 117 mil unidades, enquanto a média de carros vendidos em 1998 foi de 93 mil unidades.

Tabela 1

Taxas de crescimento da produção física industrial mensal e acumulada, por categorias de uso, no Brasil — jan.-abr./99

SEGMENTOS	VARIAÇÃO %				
	Mês a Mês (1)				Acumulado no Ano (2)
	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	
Bens de capital	12,0	-2,9	1,7	-3,5	-12,4
Bens intermediários	2,1	-0,7	1,5	0,4	-0,9
Bens de consumo	-1,4	-0,4	3,8	0,5	-4,8
Duráveis	2,0	-7,6	4,3	-3,2	-16,7
Semiduráveis e não duráveis	-3,7	2,9	3,9	1,1	-1,6
Indústria de transformação	2,3	-0,7	2,2	-0,4	-5,1

FONTE: PRODUÇÃO física industrial; número índice (1999). [on line]. Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.ibge.org/informações/estatmain.htm>. Arquivo capturado em 25 de jun.

(1) Os dados têm como base o mês anterior = 100 e ajustamento sazonal. (2) Os dados têm como base igual período do ano anterior = 100.

A categoria de indústrias fabricantes de bens de consumo semiduráveis e não duráveis foi a única que apresentou crescimento contínuo nas taxas mensais da produção física em fevereiro, março e abril, quando comparadas às do mês anterior. Destacando-se, principalmente, o segmento produtor de bebidas e de produtos alimentares.

Apesar de os indicadores de produção física da indústria brasileira mostram sinais de recuperação em relação aos meses imediatamente anteriores, os resultados mostram-se negativos nas comparações com períodos mais amplos. No primeiro quadrimestre de 1999, a taxa de crescimento da indústria de transformação brasileira foi de -5,1%, e a variação acumulada nos últimos 12 meses foi de -4,3% em relação ao mesmo período do ano anterior. O recuo na produção concentrou-se, principalmente, nos setores produtores de bens de consumo duráveis e de bens de capital, que acumularam no período uma perda de 16,7% e de 12,4% respectivamente. Esses resultados mantêm inalterado o perfil do desempenho industrial esboçado desde meados do ano anterior, uma vez que ambos os setores apresentaram uma queda bastante acentuada no segundo semestre de 1998 (-9,0% e -22,5% respectivamente).

Assim, em termos de variação acumulada no primeiro quadrimestre de 1999, o pior desempenho ficou com a indústria de bens de consumo duráveis, com uma queda generalizada em todos os segmentos. Considerando-se os gêneros material de transporte e material elétrico e de comunicações, que representam uma parcela importante dessa indústria, o indicador acumulado do quadrimestre registrou uma queda de 13,6% e 14,5% respectivamente. Esses gêneros foram responsáveis por significativas contribuições negativas para a formação da taxa global de crescimento da indústria brasileira, destacando-se os produtos automóveis para passageiros e aparelhos receptores de televisão a cores. Conforme o IBGE, a produção da indústria automobilística caiu 23,2%, e a de eletrodomésticos, 19,8%. No que se refere à produção de autoveículos, as informações divulgadas pela Anfavea confirmam essa retração. Segundo essa associação, as unidades produzidas de veículos automotores no quadrimestre decresceram 27,1% em relação ao mesmo período de 1998.²

No caso da indústria de bens de capital, a retração na produção também foi generalizada no primeiro quadrimestre de 1999 comparativamente a igual período do ano anterior, salientando-se o segmento de bens de capital para a construção (-46,4%) e para a agricultura (-24,2%). Este último, inclusive, foi o responsável pela maior contribuição negativa para a formação da taxa global de crescimento da indústria brasileira no primeiro quadrimestre do ano, sendo os produtos tratores e colheitadeiras agrícolas os dois principais responsáveis pelo indicador.

² Considerando-se os dados da publicação mensal da Anfavea, verifica-se que, em relação ao mesmo mês do ano anterior, a produção total de autoveículos caiu 29% em janeiro, 31% em fevereiro, 24% em março e 25% em abril.

Cabe notar, ainda, que alguns segmentos fabricantes de bens intermediários e de bens de consumo não duráveis experimentaram um desempenho mais favorável, ao ser comparado com o de igual período do ano anterior. É o caso, por exemplo, dos gêneros papel e papelão, farmacêutica, têxtil e vestuário e calçados no quadrimestre, e de bebidas, borracha e química no mês de abril. A performance desses gêneros contribuiu para que os bens intermediários e de consumo não duráveis registrassem os melhores desempenhos relativos no período jan.-abr. do corrente ano, como mostra a Tabela 1.

É importante ressaltar que, com exceção de semiduráveis e não duráveis, nenhuma categoria de indústrias atingiu o patamar de produção do final do primeiro semestre de 1998 nos primeiros quatro meses do ano. Os sinais de recuperação não foram generalizados, constatando-se uma forte heterogeneidade entre os diversos segmentos industriais.

A indústria gaúcha: sinais vitais preservados, lenta recuperação

Em abril, última informação disponível pelo IBGE, a produção física da indústria gaúcha teve um crescimento nulo em relação a igual mês do ano anterior, encerrando um período de 12 meses de registros negativos na sua atividade fabril. Na comparação com os estados mais industrializados do País, o Rio Grande do Sul apresentou um desempenho menos ruim do que São Paulo (-6,7%) e Minas Gerais (-5,8%), mas muito aquém da performance do Rio de Janeiro (11,7%), da Bahia (7,5%) e do Paraná (7,0%). Como tem sido apontado em análises anteriores, a indústria fluminense tem-se constituído em um caso atípico no quadro de crise nacional. Na realidade, as elevadas taxas de crescimento industrial desse estado são fruto, exclusivamente, dos excelentes resultados apresentados pela sua extrativa mineral, leia-se produção de petróleo e gás natural, que tem elevada ponderação na sua estrutura produtiva. Chama atenção, entretanto, a forte recuperação das indústrias baiana e paranaense, que, em março, haviam experimentado taxas negativas de crescimento, respectivamente, -5,5% e -3,3%.

No acumulado dos últimos 12 meses, a situação da indústria gaúcha *vis-à-vis* à brasileira continua sendo bastante desconfortável. Enquanto no País se verifica uma taxa de -2,8%, no Estado essa queda atinge quatro pontos percentuais. Ainda se considerando esse intervalo de tempo, o Rio Grande do Sul encontra-se em posição mais vantajosa do que São Paulo (-5,2%) e Minas Gerais (-6,1%), enquanto Rio de Janeiro (10%), Bahia (4,3%) e Paraná (1,4%) apresentam melhor desempenho.

Tabela 2

Indicadores conjunturais da indústria, resultados regionais — abr./99

DISCRIMINAÇÃO	TAXA DE VARIAÇÃO %		
	Mensal (1)	Acumulado Jan.-Abr. (2)	Acumulado 12 Meses (3)
Região Nordeste	2,5	2,0	1,5
Ceará	-0,1	2,8	3,6
Pernambuco	-5,5	3,5	-6,4
Bahia	7,5	3,1	4,3
Minas Gerais	-5,8	-5,9	-6,1
Rio de Janeiro	11,7	9,8	10,0
São Paulo	-6,7	-8,9	-5,2
Região Sul	3,5	-0,1	-2,0
Paraná	7,0	-0,8	1,4
Santa Catarina	3,3	1,5	-1,5
Rio Grande do Sul	0,0	-1,9	-4,0
BRASIL	-2,4	-3,3	-2,8

FONTE: PRODUÇÃO física industrial; número índice (1999). [on line] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.ibge.org/informações/estatmain.htm>. Arquivo capturado em 15 de jun.

(1) Os dados têm como base igual mês do ano anterior = 100. (2) Os dados têm como base igual período do ano anterior = 100. (3) Os dados têm como base os últimos 12 meses anteriores = 100.

De certa forma, os índices regionais do IBGE estão a mostrar que os estados que possuem os parques industriais mais avançados e integrados são precisamente, aqueles que sentiram mais intensamente a retração que tem marcado a economia brasileira desde o início de 1998. Ressalta igualmente que, como não poderia deixar de ser, foram os três principais estados exportadores os que mais acusaram as restrições decorrentes da apreciação cambial que vinha se acentuando no período.

Mesmo em um quadro marcado por indicadores tão adversos, acredita-se ser possível visualizar alguns sinais de que no período recente a indústria gaúcha vem apresentando uma recuperação mais nítida do que a média nacio-

nal. Com efeito, enquanto no Brasil a taxa acumulada nos últimos 12 meses passa de -2,8% para -3,3% no acumulado jan.-abr./99, no Rio Grande do Sul verifica-se um movimento ascendente de -4% para -1,9%. Mais importante ainda é o fato de que este é um movimento crescente e linear, mesmo que acanhado, para os quatro meses do ano. Desse modo, é possível intuir que a trajetória recente da indústria gaúcha sugere uma leve inflexão na curva descendente que marcou o seu desempenho ao longo de 1998.

Por outro lado, deve-se ter presente que a melhora nos índices industriais do Estado neste primeiro quadrimestre é viesada, em certa medida, pelo efeito estatístico decorrente da comparação com o péssimo desempenho do ano anterior. Logo, nada autoriza a afirmar que a indústria estadual esteja entrando numa fase de expansão. Mas é lícito supor que, ao contrário do que muitos imaginaram, transcorrido o impacto maior da desvalorização cambial e da brutal elevação dos juros, começa a se esboçar um cenário que, ao menos conjunturalmente, possa ser mais propício para o parque industrial sul-rio-grandense.

O desempenho segundo os gêneros industriais

A indústria de transformação do Rio Grande do Sul apresentou no acumulado dos quatro primeiros meses deste ano um recuo de 1,99% na comparação com igual período de 1998. Ainda tomando como referência esse período, verifica-se que o IBGE registrou nove gêneros com desempenho positivo entre os 18 pesquisados. São eles: minerais não metálicos (8,04%); metalúrgica (39%); material elétrico e de comunicações (4,52%); madeira (4,87%); papel e papelão (9,11%); borracha (16,96%); perfumaria, sabões e velas (4,32%); produtos de matérias plásticas (16,09%); e bebidas (45,43%). Contribuíram negativamente para a formação da taxa no quadrimestre os seguintes gêneros: mecânica (-13,80%); material de transporte (-2,30%); mobiliário (-13,31%); couros e peles (-13,46%); química (-1,79%); têxtil (-11,05%); vestuário, calçados e artefatos de tecidos (-2,44%); produtos alimentares (-2,04%); e fumo (-6,28%).

Embora preocupante, essa situação traduz uma sensível melhora em comparação com o que se verificava no acumulado dos últimos 12 meses, quando somente cinco gêneros apresentavam crescimento positivo e o conjunto da transformação industrial registrava uma queda de 4%. Na realidade, é possível observar que, mesmo nos gêneros que continuam apresentando taxas negativas, houve, na grande maioria, uma recuperação no seus desempenhos.

Tabela 3

Taxas de crescimento da produção industrial, por classes
e gêneros de indústria, no RS — 1999

CLASSES E GÊNEROS	MENSAL (1)			ACUMU- LADO (2)	ÚLTIMOS 12 MESES (3)
	Fev.	Mar.	Abr.	Jan.-Abr.	Até Abr.
Indústria geral	-4,30	-0,75	-0,01	-1,92	-4,03
Indústria extrativa mineral ..	35,20	8,00	45,30	21,24	-4,39
Indústria de transformação	-4,42	-0,77	-0,12	-1,99	-4,03
Minerais não-metálicos	7,75	3,91	10,41	8,04	8,12
Metalúrgica	0,96	7,60	4,50	2,39	-3,07
Mecânica	-14,70	-13,56	-10,85	-13,80	-10,12
Material elétrico e de co- municações	-5,36	5,22	1,56	4,52	-3,98
Material de transporte	-3,03	-4,85	-2,04	-2,30	-5,65
Madeira	3,01	8,04	0,17	4,87	-4,08
Mobiliário	0,68	-13,37	-25,41	-13,31	-4,93
Papel e papelão	5,66	2,64	34,92	9,11	6,19
Borracha	6,89	16,93	24,70	16,96	-4,18
Couros e peles	-12,01	-14,47	-10,46	-13,46	-11,71
Química	4,78	-0,18	-12,06	-1,79	5,05
Perfumaria, sabões e velas	3,53	-8,40	4,63	4,32	8,24
Produtos de matérias plásti- cas	19,04	19,71	6,70	16,09	2,00
Têxtil	-15,30	-3,82	-7,18	-11,05	-13,84
Vestuário, calçados e arte- fatos de tecidos	-4,81	2,96	-0,90	-2,44	-12,38
Produtos alimentares	-3,46	2,64	-1,97	-2,04	-2,53
Bebidas	48,03	-2,99	122,91	45,43	18,30
Fumo	-37,86	7,57	2,07	-6,28	-23,95

FONTE: PRODUÇÃO física industrial; número índice (1999). [on line] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.ibge.org/informações/estatmain.htm>. Arquivo capturado em 15 de jun.

(1) Os dados têm como base igual mês do ano anterior = 100. (2) Os dados têm como base igual período do ano anterior = 100. (3) Os dados têm como base os últimos 12 meses anteriores = 100.

A percepção da moderada reação industrial no Estado é reforçada pela observação mais detalhada do comportamento de alguns gêneros que, tanto pelo peso na estrutura industrial quanto pelo poder de alavancagem, são determinantes do seu desempenho. Este é precisamente o caso da mecânica, que, nos últimos 12 meses, tem sido responsável, em grande medida, pela retração da produção industrial do Estado.³ Representado de forma expressiva pela produção de tratores, máquinas e implementos agrícolas, o desempenho desse segmento industrial está intimamente vinculado ao sucesso da safra agrícola e das facilidades de financiamento e crédito. A fragilidade e a descontinuidade da política agrícola no País, conjuntamente com os humores climáticos, como não poderia deixar de ser, tem-se refletido na grande intermitência que tem caracterizado o ritmo de atividade desse gênero. Esse fato, por diversas vezes referido nas análises da revista **Indicadores Econômicos FEE**, revela-se pelo expressivo crescimento experimentado pela mecânica em 1997 (38,11%), que foi seguido pela retração de -28% em 1998 e pela queda de 13,8% ocorrida nos primeiros quatro meses de 1999.

À primeira vista, é inegável que o desempenho desse gênero, neste início de ano, não deixa de ser bastante frustrante, uma vez que os bons resultados obtidos pela agricultura em 1998 e as alterações na política cambial induziam a que se esperasse uma sensível reversão no quadro que até então constrangia as perspectivas de crescimento desse setor. Não pode ser desconsiderado, entretanto, que as empresas do setor estivessem operando com um nível elevado de estoques, implicando uma defasagem entre a retomada das vendas e a repercussão nos índices de produção física. Os dados divulgados pela Anfavea parecem indicar, precisamente, nessa direção. Enquanto o total de unidades produzidas no primeiro trimestre deste ano sofreu uma redução de 28,50% em relação a igual período de 1998, o mesmo indicador para vendas assinala um acréscimo de 17%. O aumento de 25% verificado nas vendas de março, em comparação com fevereiro, também reforça essa idéia.

As razões apontadas pelos empresários para esse impulso na comercialização são as melhores condições de competitividade dos produtos agrícolas nos mercados interno e externo e a atratividade das linhas de financiamento do Finame. Assim, mesmo com a forte retração das exportações nesses três primeiros meses (-72%), afetadas pelo encolhimento do mercado argentino, os

³ No acumulado dos últimos 12 meses, a mecânica registra uma taxa negativa de -10,12%. Segundo dados do Núcleo de Contas Regionais da FEE, esse gênero responde por cerca de 13% do valor agregado da indústria de transformação do RS.

dirigentes da Anfavea esperam fechar o ano com vendas entre 10% e 15% superiores às de 1998 (VENDAS..., 1999, p.B-20).

Vestuário, calçados e artefatos de tecidos é outro segmento industrial de grande significado para o Rio Grande do Sul, que, após um longo período de imensas dificuldades, parece fornecer alguns indícios de recuperação. Responsável pela maior parcela da produção desse gênero, a produção de calçados tem sofrido um duro revés desde o início do Plano Real. Penalizada, tanto no mercado interno quanto no externo, pela concorrência asiática, a indústria calçadista tem sido alvo da transferência de várias empresas que buscam na Região Nordeste mão-de-obra barata e toda sorte de incentivos. O exemplo do Ceará, cujas exportações de calçados até 1996 eram insignificantes e hoje já ocupam o terceiro lugar no *ranking* brasileiro, alcançando inclusive a posição de São Paulo, é bastante ilustrativo.

Para enfrentar essas circunstâncias, o setor passou por intenso processo de reestruturação, com elevado índice de mortalidade de empresas e drástica eliminação de postos de trabalho. Mesmo assim, as medidas adotadas não foram suficientes para recuperar a sua competitividade, pressionada pela situação do câmbio. Portanto, tendo em vista que dois terços da produção gaúcha é direcionada para a exportação, é bastante factível esperar que a desvalorização cambial seja um consistente estímulo para reanimar a atividade do setor. Nesse sentido, pode-se constatar que, apesar de as exportações brasileiras de calçados terem ficado abaixo das verificadas no primeiro trimestre de 1998, em março deste ano as mesmas já superavam em 5,2% as vendas ocorridas em igual mês do ano passado. (CAEM..., 1999).⁴ De resto, os exportadores brasileiros esperam fechar 1999 com um acréscimo de 25% em suas vendas em comparação com as de 1998, o que parece ser bastante factível, tendo em vista que somente a Argentina registrou um acréscimo de 78% nas suas importações do Brasil. Ao mesmo tempo, as próprias perspectivas em relação ao mercado interno são mais otimistas com o aumento das vendas em 20% verificadas em abril (CALÇADISTAS..., 1999, p.5). Mobiliário e fumo são outros segmentos industriais dos quais se pode esperar também uma reação positiva com a mudança na política cambial, pois são atividades com razoável inserção no mercado internacional. Já o gênero de bebidas vale pelo registro de, em abril, ter expandido sua produção em 122,3%, o que contribuiu para que, no acumulado dos últimos 12 meses, apresentasse um aumento de 45%.

⁴ É importante assinalar que o Rio Grande do Sul responde, em média, por 86% das exportações de calçados do País.

Negativamente, o período jan.-abr. assinala o recuo da química e de produtos alimentares, que são dois segmentos de elevada ponderação na estrutura industrial do Estado. Com relação à química, é interessante ter-se presente que era este um dos poucos gêneros importantes da indústria gaúcha que vinha apresentando desempenho positivo no acumulado dos últimos 12 meses.

Em conclusão, pode-se dizer que, no período jan.-abr./99, prosseguiram as dificuldades que vinham caracterizando a trajetória industrial do Rio Grande do Sul desde o ano passado. Por outro lado, não só não se concretizaram as previsões mais pessimistas feitas pelos analistas na virada do ano, como se podem perceber alguns sinais de reversão no, até o momento, quadro violentamente recessivo.

Um último apoio a essa afirmação pode ser encontrado no comportamento de papel e papelão, de produtos de matérias plásticas e de borracha. Como são gêneros, por natureza, produtores de embalagens e de bens intermediários, os seus ritmos de crescimento estão intimamente vinculados aos níveis de encomenda dos outros setores. Logo, a expansão verificada nos seus índices de produção pode ser mais um indicativo da recuperação da atividade econômica.

Bibliografia

- CAEM as exportações de calçados (1999). **DCI**, p.6, 29 abr.
- CALÇADISTAS esperam vender mais no mercado interno (1999). **Gazeta Mercantil:RS**, Porto Alegre, p.5, 3 maio.
- CARTA DA ANFAVEA (1999). São Paulo : Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores, abr.
- CARTA DA ANFAVEA (1999a). São Paulo: Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores, maio.
- COPOM decide elevar taxas de juros (1999). **Gazeta Mercantil**, São Paulo, p.B-2, 19 jan.
- JUROS sobem, mas evasão continua (1999). **Folha de São Paulo**, São Paulo, C.2 p.1, 28 jan.
- VENDAS de máquinas sobe 17% no trimestre (1999). **Gazeta Mercantil**, São Paulo, p.B-20, 8 abr.